

Entrevista com Professor Evaristo de Moraes Filho

Entrevistadores:

Hiro Barros Kumasaka (Unicamp/CLEHC)

Luitgarde O.C. Barros (UFRJ/IFCS)

Rio de Janeiro, 8 de março de 1988.

**Evaristo** - Durkheim fundou o *L'Année Sociologique* em 1896 e morreu em 1917. Coube a um autor paulista, Paulo Egídio de Oliveira Carvalho, difundir-lhe as idéias no Brasil, como, por exemplo: Do conceito científico das leis sociológicas (1898) e Estudos de Sociologia Criminal. Do conceito geral do crime segundo o método contemporâneo (A propósito da teoria de Durkheim), 1900, além de outros estudos em livros e revistas. Precursor da Sociologia entre nós, Egídio teve o mérito de ser, talvez, o primeiro autor brasileiro a escrever sobre Durkheim. Na primeira década do século, não deixou Artur Orlando, da Escola do Recife, de estudá-lo também em alguns de seus livros.

Sílvio Romero, realmente grande espírito, foi infeliz na escolha de suas doutrinas. Adotou os ensinamentos da Antropossociologia de Ammon e Gobineau, sendo que este último, em livro próprio, como bom racista que era, criticou o povo brasileiro, ao descrever a sua viagem que fizera ao Brasil, aproximando-se do Imperador. Sílvio admitia a tese do branqueamento da população brasileira através de miscegenação e da imigração de indivíduos brancos, louros (italianos, alemães, espanhóis, portugueses, etc...). Ainda recentemente, Thomas E. Skidmore escreveu um livro (*Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, 1976) sobre o tema, no qual Sílvio aparece como adepto dessas idéias. Sempre infeliz - a meu ver - procura Sílvio associar a sua Antropossociologia racista com os ensinamentos da Escola da Ciência Social, fundada por Fr. Le Play. Tourville, da Escola, era seu mestre preferido. De índole conservadora, senão reacionária, tal era a tendência da Escola. *Do Medo à Utopia*, livro que publiquei, pela Nova Fronteira, em fins de 1985, aponto essas contradições de Sílvio, pessoalmente, homem boníssimo, pesquisador de cantos populares, um dos fundadores do nosso folclore, brasileiro a mais não poder, mas que se equivocara ao abraçar teorias sociológicas

importadas, colonialistas, que não nos serviam para nada. Éramos tidos como raça inferior e povo sem futuro, segundo tais racistas. A esperança de Sílvio era o branqueamento da população pela miscigenação e pela imigração de povos anglo-saxões.

Outro grande precursor da Sociologia no Brasil foi Delgado de Carvalho, que já lecionava a disciplina no Colégio Pedro II na década de 20. Estava a par de todas as correntes do seu tempo, notadamente das francesas, inglesas e norte-americanas. Em 1925 veio à luz o seu compêndio de Sociologia, ainda hoje utilizável pelas citações que fez e pelas notas que colocou à margem de cada página. Livro raro e valioso.

Pouco mais tarde, antes de 1930, Fernando de Azevedo era Secretário de Educação aqui no Rio de Janeiro. Mandou abrir concurso para o ensino de Sociologia na Escola Normal, mais tarde, Instituto de Educação. Alceu Amoroso Lima, por exemplo, foi um dos candidatos, inscrevendo-se com a sua volumosa tese *Esboço de uma Introdução à Economia Moderna*, cuja 2a. edição é de 1933. Com o movimento revolucionário de 30, mudaram-se os quadros administrativos da Capital Federal e o concurso não mais foi realizado. Era Prefeito do Rio o paulista Prado Júnior.

Como se vê, pois, a Sociologia começou cedo a ser estudada no Rio de Janeiro, com o compêndio de Delgado de Carvalho e o ensino da matéria no chamado curso secundário. Pontes de Miranda, outro precursor, publicou a sua *Introdução à Sociologia Geral*, em 1926, com um cientificismo matematizante à maneira alemã, mas como que dando seguimento à Escola do Recife, em cuja Faculdade estudou. Socialista, a ele se opunha ao pensamento conservador e reacionário de Oliveira Viana, a quem coube escrever a *Introdução ao Censo nacional de 1920* (Evolução do Povo Brasileiro). Com este livro e *Populações Meridionais do Brasil*, era Oliveira Viana o mais acatado dos sociólogos brasileiros, principalmente pela Igreja e pelas classes dominantes. Racista, baseado nos mesmos autores de Antropossociologia de Romero, escreveu em 1932, *Raça e Assimilação*.

Vocês não podem imaginar o que significou a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933. Era um ar novo que se respirava, o conceito da raça era desprezado e substituído pelo de cultura. Tudo mudava: não havia povos inferiores nem superiores biologicamente considerados. Freyre tinha sido aluno de Franz Boas, na Universidade de Columbia e trazia para o Brasil as últimas novidades da Antropologia Cultural americana.

**Luitgarde** - Onde o senhor coloca o livro de Tito Lívio de Castro, *A mulher e a sociogenia*?

**Evaristo** - Você lembrou muito bem este livro. Foi publicado, depois da morte do autor, em 1893. Tito Lívio morreu ainda jovem. Estudará com Sílvio Romero, que o protegia como a um filho. Estudante de medicina ou médico já formado, foi autor também de outra obra póstuma, *Questões e Problemas*, de 1913, com prefácio de Sílvio Romero, que morreria em 1914. *A mulher e a sociogenia* é um livro interessante, pioneiro para a época, mas não é um livro propriamente didático. Exalta a mulher e a estuda à luz das modernas doutrinas (do seu tempo) de Sociologia e Biologia. Mostra que a mulher não é em nada inferior ao homem. Como todas as obras da chamada Escola de Recife, é cientificista, um tanto dogmático, mas merece - e deve - ser recordado na história da Sociologia entre nós.

**Luitgarde** - E onde o senhor coloca Manuel Bonfim?

**Evaristo** - No lugar que merece, com grande destaque. Deveu-se um pouco o seu esquecimento à polêmica que manteve com Sílvio, um dos líderes da mentalidade brasileira do seu tempo. Como psicólogo, educador, historiador ou sociólogo, Manuel Bonfim representa o pensamento heterodoxo entre nós. Inovador, criou o Pedagogium, dedicado ao estudo experimental da Pedagogia e da Psicologia Educacional. Suas idéias foram revolucionárias para a época. Criticou a tendência conservadora do povo brasileiro, defendida pelos que davam maior importância à ordem do que ao progresso, segundo o dístico da bandeira nacional. Qualquer mudança, ou pregação de mudança, dizia Bonfim, logo parecia aos ortodoxos, à elite dominante, como uma espécie de anarquia e de agitação, perigosas ambas.

Com isso, levanta-se Bonfim contra o conceito positivista vigente entre nós, que vai se refletir na legislação trabalhista de pós-30. O próprio Getúlio, da escola positivista de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros, disse, em discurso, que a legislação social era conservadora, de colaboração entre o capital e o trabalho, que não se assustassem os patrões. Esse discurso é de 1931, no primeiro ano de comemoração do movimento vitorioso. Daí o autoritarismo e o populismo paternalista que a inspiram: integrou-se o proletariado, o seu movimento, no Estado, e não na sociedade moderna, como pregava o próprio Comte.

Lauro Muller também foi outro jogado ao esquecimento pela polêmica que teve com Rui Barbosa. Social-democrata, já em 1892, Lauro Muller defendia os trabalhadores e seus sindicatos na Câmara dos Deputados. Em 1917 teve de deixar o Ministério das Relações

Exteriores, por sua origem germânica (natural de Santa Catarina e falecido em 1926). Também em 1888/89, manteve Tobias Barreto veemente polêmica com José Higino Duarte Pereira, homem de muito valor, professor da Faculdade de Recife e que viajou à Holanda, aprendeu holandês, para traduzir os documentos e as atas referentes ao domínio de Nassau no Nordeste. O nome de Tobias lançou grande sombra no valor e no papel que Higino desempenhou, entre nós, como homem de cultura. Chegou a Ministro do Supremo Tribunal Federal. Há muitos injustiçados na história das idéias, que são esquecidos ou minimizados, diante de outros espíritos que ocupam lugares privilegiados, quando, para exaltar uns, não se torna necessário diminuir outros. Sociologicamente, por exemplo, eu considero Bonfim superior a Sílvio: mais moderno, olhando mais para o futuro e acreditando no povo brasileiro, sem preconceitos racistas nem etnográficos.

**Luitgarde** - De anarquistas, o senhor coloca alguma contribuição de Elísio de Carvalho para as Ciências Sociais aqui no Brasil?

**Evaristo** - Razoável. Por algum tempo fez parte do grupo anarquista da primeira década do século, precisamente (para Elísio) em 1903 e 1904. Escrevia para os jornais anarquistas da época, que chegaram a quase uma dezena. Colaborou na revista *Kultur*, da qual também fazia parte José Veríssimo, socialmente mais avançado do que seu rival e desafeto Sílvio Romero, que jamais o poupou e muito e desancou. Apesar disso, Veríssimo está mais esquecido do que Romero, chegando o nosso grande Carlos Drummond de Andrade, em *Conversa na Ilha*, a escrever, em tom pilhérico, uma diatribe contra Veríssimo como crítico literário. Os anarquistas da época eram numerosos, destacando-se, no Rio, Fábio Luz, Lima Barreto (de certa forma), Manuel Curvelo de Mendonça e outros. Este último escreveu, em 1905, um artigo no *Almanaque Garnier* dando conta do movimento esquerdista do seu tempo. Lá não deixa de aparecer o nome de Evaristo de Moraes, que desde 1900 se interessara pelo assunto e pelas lutas libertárias. No ano mesmo de 1905 publicou o primeiro livro sistemático sobre um novo ramo do Direito, *Apontamentos de Direito Operário*, já hoje em 3a. edição, Citava Marx e Lassalle. Pregava a organização do proletariado para poder enfrentar os seus patrões, capitalistas, com êxito. Dizia que o contrato coletivo de trabalho, feito pelo sindicato, devia substituir os contratos individuais de trabalho, celebrados isoladamente pelos operários, fracos e desarmados diante dos empregadores. No *Canaã*, de 1902, não deixa Graça Aranha de defender certas teses

anarquistas, embora eclético em suas idéias. Quando da Revolução bolchevista de 1917, colocou-se Graça a favor dos soviéticos, vindo a falecer em 1931. Fora preso em 1922 como revolucionário. Interessava-se pelo problema social e não foi um puro esteta, como geralmente é tido nos compêndios de literatura.

**Luitgarde** - E Silva Jardim tem alguma importância para esse pensamento?

**Evaristo** - Silva Jardim foi mais positivista do que propriamente marxista ou anarquista. Herdei de meu pai o respeito e a admiração pelo papel que Silva Jardim desempenhou no advento da República entre nós. Morreu muito cedo, como se sabe, tragado pelo vulcão Vesúvio, em 1891. Nesse mesmo ano foi publicado o livro de Silva Jardim, *Memórias e Viagens*, no qual, na página 203, refere-se ao jovem Evaristo, então com 17 anos, que vira falar no Clube Republicano Quintino Bocaiuva. Achou-o eloqüente e muito hábil em seu discurso. Era uma previsão...

**Luitgarde** - Estava no clube dos grandes, não?

**Evaristo** - Ainda este ano (1988) ou no próximo, a Editora Briguiet vai publicar a 2a. edição das *Reminiscências de um Rábula Criminalista*, com longa introdução minha, nas quais Evaristo conta tudo isso. Confessa ele que o seu guia na propaganda da República, o seu guru, era Silva Jardim. Maurício Vinhas de Queirós, sociólogo, que foi chefe de pesquisa no antigo Instituto de Ciências Sociais, na UFRJ, do qual fui presidente por quatro mandatos, escreveu um livro muito bom, muito bem documentado, de admiração e entusiasmo, sobre Silva Jardim. Queirós procurou dar-lhe um colorido mais marxista do que positivista, o que não me parece acertado. Barbosa Lima Sobrinho reuniu num só volume os escritos menores e esparsos de Silva Jardim, raridades hoje em dia e difíceis de serem encontrados.

Na verdade, quando da proclamação da República, os positivistas, com Teixeira Mendes à frente, representaram um papel revolucionário, a favor dos trabalhadores. Admitiam a greve, a regulamentação das condições de vida da classe trabalhadora. Seguiam o ensinamento do seu mestre, Augusto Comte, procurando integrar o proletariado na sociedade moderna. Getúlio vai tentar isso em 1930, mas o faz erroneamente, integrando o trabalhador - ou melhor, atrelando-o - ao Ministério do Trabalho.

**Luitgarde** - Com uma garimpagem dessa profundida, como é que o senhor trata a sua formação?

**Evaristo** - Ei-la, em resumo. Fui aluno, no 5o. ano de ginásio, do General José Maria Moreira Guimarães, que era positivista, homem probo, inteligente e incentivador dos jovens para o estudo e a meditação. Ainda hoje sinto saudades dele.

Aliás, é curioso, muitos dos primeiros marxistas aqui no Brasil, como Leônidas de Rezende, Castro Rebelo, Hermes Lima, Pontes de Miranda e outros, sofreram grande influência do positivismo e através dele chegaram ao marxismo, dando-os como compatíveis. No primeiro ano da Faculdade, fui aluno de dois marxistas, Castro e Leônidas. Suas influências em mim, como em muitos da turma, foram profundas, marcando-me para sempre. Castro era mais profundo e mais teórico; Leônidas, mais humano, era mais sentimental e quase lírico. Ensinava-nos tanto Comte quanto Marx. Castro também, através de León Duguit, morto em 1928, chegava a Comte, que negava a noção de direito subjetivo, substituindo-a pela de dever. Junto a Leônidas, Antonio Paim já tratou exaustivamente do assunto.

**Luitgarde** - É curioso isto.

**Evaristo** - A união parece esdrúxula, mas se deu em alguns casos, como nos relatados.

**Luitgarde** - Otávio Brandão, por exemplo, veio do anarquismo?

**Evaristo** - Otávio Brandão que escreveu suas memórias em 1978 (*Combates e Batalhas*) e morreu há pouco tempo, foi anarquista, como Astrojildo Pereira, e aderiu ao marxismo (comunismo) em outubro de 1922. Em livro de grande repercussão, de 1926, *Agrarismo e Industrialismo*, pretendeu ter feito a primeira análise marxista da formação histórica do Brasil. Radical, sectário mesmo, desancava os social-democratas e todas as espécies de reformismo. Evaristo de Moraes, meu pai, não escapou dos ataques pesados de Brandão, um temperamento ardente e apaixonado, bem diferente do de Astrojildo.

Havia grande confusão ideológica, sem limites precisos entre as diversas correntes de esquerda. Até 1922, quando da fundação do Partido Comunista, dominaram os anarquistas e os anarco-sindicalistas, desde o 1o. Congresso Operário de 1906. O segundo foi em 1913. Por coincidências, as leis de expulsão de estrangeiros (agitadores) foram de 1907 e 1913. Et pour cause...

Não deve ser esquecido o primeiro Círculo de Estudos Marxistas, fundado em Recife por Cristiano Coutinho Cordeiro e Rodolfo Coutinho, seu primo, no ano de 1919. Mais tarde, Astrojildo e Rodolfo vão à União Soviética, demorando-se este último na Europa, estudando

economia em Berlim e casando-se com uma alemã. Mais tarde, aderiu ao trotskismo, e foi preso, como dirigente do Sindicato dos Professores, em 1935.

**Luitgarde** - Então, o senhor tem formação positivista, com um professor comunista, trotskista?

**Evaristo** - Não, a influência positivista em meu espírito foi mais da mocidade. Sempre ficam alguns resquícios aproveitáveis. Não pude, no entanto, escapar à influência de Castro, Leônidas e Rodolfo Coutinho, que foi meu professor de inglês e alemão, por sinal, o melhor que tive nesta última língua. Os dois primeiros foram presos em 1935 e ficaram afastados da Universidade até 1945. Coutinho suicidou-se na década de 50. Era, então, professor de História do Colégio Pedro II. Era homem de grande cultura.

**Luitgarde** - O senhor fez Faculdade de Direito ou Nacional de Filosofia?

**Evaristo** - As duas. Mal saído do Ginásio, ingressei com 17 anos na Faculdade de Direito. Como disse, fui aluno de Castro e Leônidas, que lecionavam, respectivamente, Introdução à Ciência do Direito e Economia Política. Só então fui mordido pelo marxismo, que me deu a concepção geral do mundo e da vida. Em 1946 fui levar pessoalmente a Prestes, na sede do Partido Comunista, à Rua da Glória, o meu livro (saído em 1946) *Profetas de um mundo que morre*, no qual ataco três fascistas: Alexis Carrel, Hermann von Keyserling e Gabriele D'Annunzio. Mas jamais pertenci a qualquer partido político, jamais assinei qualquer ficha de inscrição. Em 1945, fundamos (Edmundo Moniz, Gomide, Hugo Baldessrini, Almir Matos Peixoto e outros) e União Socialista Popular, de curta duração. O *Dicionário Histórico-biográfico*, da Fundação Getúlio Vargas, registra o fato.

O mundo que eu pensava que estava morrendo era o capitalismo, mas ele não morreu até hoje. Com razão, pôde escrever Celso Furtado que o capitalismo é dinâmico, altera-se, modifica-se, inventa novos métodos de exploração, mas se mantém vivo. E é verdade. Inventaram o sociedade anônima, a participação nos lucros, o acionariado operário, a cooperativa, mas no fundo a propriedade privada dos meios de produção se manteve firme nas mãos de grandes fortunas, cada vez mais concentradas (monopólios, oligopólios, etc...).

**Luitgarde** - Mas o marxismo da Rosa Luxemburgo já previa esses descobrimentos todos, não?

**Evaristo** - Sim, sem dúvida alguma. Afinal ela morreu em 1919, quando tudo isso já se encontrava em prática. Lênin também se referiu a tudo isto e criou até a noção de imperialismo. Contudo, nos anos de estudante (escrevi o livro em 1940, embora só encontrasse editor, a

Leitura, em 1946) eu pensava que quando chegasse aos 60 (se chegasse) o mundo já seria outro. Hoje já passei dos 70 e o capitalismo está cada vez pior, porque mais ganancioso, inumano e selvagem. Leônidas nos animava com uma próxima reviravolta. Em 1932, na Conferência Econômica de Londres, dera-se quebra do padrão-ouro, o crack de Nova York era de 1929. Dedico o livro aos amigos daquele tempo, muitos se conservaram meus amigos até hoje, outros mudaram de posição política e outros, ainda já morreram...

Voltando ao tópico anterior. Quando Prestes saiu da prisão, depois de 9 anos, nós, os esquerdistas, nos dividimos. Muitos o seguiram, apesar de ele apoiar "queremos a Constituinte com Vargas" (o célebre quererismo). Outros, entre eles eu, ficamos com os socialistas da futura Esquerda Democrática (Castro, Hermes, João Mangabeira, Velasco, Osório Borba, etc...). Como era Procurador da Justiça do Trabalho, não pude me filiar à esquerda, embora fosse amigo de seus membros e houvesse votado com eles. Hermes elegeu-se deputado federal e se desincumbiu bem da sua tarefa. Mas, em verdade, como costume dizer, quem foi mordido na mocidade pelo marxismo dificilmente o abandona mais tarde, embora haja exceções, que confirmam a regra.

**Hiro** - Na década de 30, São Paulo estava organizando a USP e o Rio de Janeiro a Universidade do Distrito Federal.

**Evaristo** - A meu ver, a chamada Revolução de 30 foi o maior blefe da História do Brasil, como já o havia sido a República. Nunca tivemos uma revolução de estrutura, de profundidade. Tudo, sempre, tem sido mero arranjo da própria elite dirigente do país, sem mudança dos privilégios e da classe dominante. De qualquer modo, é inegável, o povo acreditou nela. Houve entusiasmo e esperanças. O Partido que a levou a cabo chamava-se Aliança Liberal. Em discurso de Getúlio, de 1931, ele próprio confessava que a Revolução era uma continuidade das pregações de Rui Barbosa e de Nilo Peçanha: era preciso "republicanizar e República", com "liberdade e representação". A Revolução queria e deveria ser liberal. O povo em geral, os social-democratas, os socialistas reformistas ficaram com Getúlio e acreditaram nas suas promessas de mudança. Evaristo de Moraes, por exemplo, foi o primeiro Consultor Jurídico do Ministério do Trabalho. Com ele, foram antigos lutadores socialistas para o Ministério do Trabalho, tais como: Joaquim Pimenta, Agripino Nazaré, Deodato Maia, Carlos Cavaco, e outros mais. Os comunistas e os anarquistas não se enganaram. Desde a célebre carta de Prestes, anterior à Revolução, já eles não escondiam que era uma movimento burguês. Otávio Brandão lembra que as prisões e as

perseguições aos comunistas e anarquistas continuaram em 1931 e nunca cessaram, culminando com o Estado de Guerra, depois de 27 de novembro de 1935. E o Estado Novo logo chegou, em 1937...

Os paulistas jamais se conformaram com os interventores postos em seu Estado. Criaram a Frente Única e fizeram a revolução de 9 de julho de 1932. A mocidade paulista morreu, pensando que estava defendendo o constitucionalismo, quando defendia realmente as oligarquias de São Paulo. Os ingleses ficaram com o Governo Federal e os americanos com os revolucionários de São Paulo. Na Constituinte de 33/34, a Frente Única votava sempre unida, reacionariamente. Foi aí que acabou o movimento tenentista, que, se não era verdadeiramente socialista, pelo menos era reformista e socializante. Depois de 34 dissolveu-se, deixou de existir.

Quando eclodiu o movimento de 9 de junho, já Getúlio havia convocado a Constituinte desde março e mandara elaborar o Código Eleitoral, criando a Justiça Eleitoral, o voto secreto e o voto feminino. O que 9 de julho queria já estava feito ou sendo feito... São Paulo sempre protestou contra o estado discricionário, que vigeu de fins de 30 até a Constituição de 16 de julho de 1934. Os interventores nomeados pelo Getúlio (João Alberto, Waldomiro Lima) sempre foram malvistas. A 9 de julho encontrava-se no poder, como chefe do governo paulista, um civil, Pedro de Toledo.

Em 1933, com Armando de Sales Oliveira, é que se cria a Escola de Sociologia e Política, que foi pioneira no estudo e pesquisa das chamadas ciências humanas. Vai caber a Pedro Ernesto, Prefeito do Distrito Federal, e a Anísio Teixeira a criação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Isto se deu em 1935. Anísio já tem a sua biografia feita em livro por Hermes Lima, mas há ainda uma dívida a ser paga: a de uma tese de mestrado ou de doutorado sobre Pedro Ernesto, o maior Prefeito que o Rio já teve, homem verdadeiramente popular e revolucionário. Mais tarde, depois de 35, Getúlio manda prender Pedro Ernesto, que caiu em desgraça. Anísio deixou de ser reconduzido no Conselho Federal de Educação, depois de 64... Os tempos eram idênticos...

**Luitgarde** - Uma senhora deputada, que foi presa discursando sobre o Estado Novo na Bahia, em 37, quando caiu, ele fez uma brincadeira: ela estava lendo minha tese, onde eu falo muito no Arcoverde. E ela disse: a única coisa que presta, que o Arcoverde deixou, foi Pedro Ernesto.

**Evaristo** - Não sei de que se trata. O único Arcoverde que conheci em vida foi o Cardeal Arcoverde, aqui no Rio de Janeiro.

**Luitgarde** - Ele pode ter sido filho do Cardeal?

**Evaristo** - Acho que é pilhéria, embora no Brasil sejam numerosos os filhos de prelados, de padres católicos, como José de Alencar, por exemplo, cujo pai foi constituinte de 1823.

**Luitgarde** - Algum dia o senhor ouviu esta piada: que Pedro Ernesto era filho do Cardeal Arcoverde?

**Evaristo** - Não, nunca ouvi. Mas isso pouco importa. A verdade é que, com a Escola de Sociologia e Política e com a USP, abrem-se novos caminhos fora das carreiras tidas como profissionais (direito, medicina, odontologia, engenharia, agronomia, etc...). Iniciam-se as humanidades, o estudo, o ensino e a pesquisa nas ciências humanas. E grandes nomes surgirão, quer como professores (Simonsen, Berlinck, Roger Bastide, etc...), quer como alunos, futuros mestres (Antonio Cândido, Florestan, Fernando Henrique, Otavio Ianni, etc...). Ficou famoso, à época, o professor Antonio Rubbo Muller, titular de Antropologia Social na Escola de Sociologia e Política. À mesma época, Gilberto Freyre daria a mesma disciplina na UDF.

**Luitgarde** - Quando, professor?

**Evaristo** - Muller, em São Paulo, como disse, quando da fundação da Escola, ou pouco depois.

**Luitgarde** - Anterior, pois, a Gilberto Freyre.

**Evaristo** - Naquela época ainda não havia sido criada a Faculdade de Filosofia, da USP, que funcionou, se não me engano, na rua Maria Antonia. São Paulo adiantou-se ao Rio de Janeiro. Mais tarde, Armando de Sales Oliveira foi candidato à Presidência da República, cuja eleição se realizaria a 3 de janeiro de 1938. O candidato popular era José Américo de Almeida, embora apoiado (formalmente) por Getúlio. Criamos na Faculdade de Direito um comitê pró-José Américo. Lançamos manifesto e lhe assistíamos aos comícios. Getúlio traiu o seu próprio candidato, e sem que este soubesse de alguma coisa, deu o golpe de 10 de novembro de 1937. Eleição... só em 1945, com a queda do estado Novo.

O mérito das Escolas, tanto em São Paulo, quanto no Rio, foi a contratação de professores estrangeiros. Donald Pierson, Arbousse-Bastide, Roger Bastide e Levy-Strauss, entre outros, em São Paulo. No Rio, que na UDF, que na Faculdade Nacional de Filosofia, cujo primeiro vestibular se realizou em abril de 1939, foram contratados: Emile Bréhier, Leduc, F. Strovski,

René Poirier, Andrè Ombredanne, entre outros. Fui aluno de História da Filosofia e de Psicologia, respectivamente, destes últimos.

**Luitgarde** - Émile Bréhier, autor da "*História da Filosofia*" em vários volumes?

**Evaristo** - Este mesmo. Perdeu um braço na guerra de 14 e recebeu a Légion d'Honneur. Entrevistei-o, em francês, no ano de 1936 e publiquei sua entrevista em *A Época*, da Faculdade de Direito. Mais tarde, quando ele morreu, na década de 50, voltei a publicar essa entrevista no *Correio da Manhã*. Quando Roger Bastide voltou para a França, como aconteceu com a quase totalidade dos professores franceses, já Florestan Fernandes o substituiu interinamente, fazendo o seu concurso de catedrático (titular), em junho de 1964. Participei da Banca, presidida por Sérgio Buarque de Holanda. A cadeira 2 de Sociologia era regida por Fernando de Azevedo, que havia publicado um bom livro didático, *Princípios de Sociologia*, mais ou menos filiado à Escola de Durkheim, muito útil naquela época. Havia nele uma boa exposição das diversas escolas sociológicas, ali já aparecem Max Weber, Simmel, L. von Wiese, alemães, embora Fernando de Azevedo não lesse alemão diretamente. Em 1933 havia sido traduzido para o espanhol (Coleção Labor) o livro de von Wiese, *Sociologia, historia y principales problemas*, que me influenciou muito. Mais tarde, o abandonei, pelo seu excessivo formalismo das relações sociais. Vai caber a R. Aron a divulgação das diversas correntes alemãs no seu livro *La Sociologie Allemande Contemporaine* (1936), com Max Weber ocupando cerca de metade do volume. Em verdade, Weber era um conservador, um liberal conservador, num diálogo permanente com Marx, procurando destruí-lo ou substituí-lo. O seu livro mais divulgado é sobre o protestantismo como o principal fator ideológico, dominante, no início e na vitória do capitalismo no mundo moderno. Invertia Marx: a superestrutura condicionando a estrutura econômica.

**Luitgarde** - Mas que é bonito é, não?

**Evaristo** - É somente bonito, mas não é a verdade histórica. Nem nunca Marx isolou a estrutura econômica da Superestrutura ideológica, há um processo concausal de influências. A nossa Faculdade menos, principalmente, quando saiu o livro *Os donos do poder*, do meu amigo Raimundo Faoro, que procura aplicar Weber à formação brasileira - deixou-se influenciar muito por Max Weber, que passou, com muito atraso (ele faleceu em 1920) a ser o autor da moda, recém-descoberto.

Em São Paulo já não se deu a mesma coisa, talvez principalmente pela influência de Florestan Fernandes, a princípio muito estruturalista e funcionalista, tornando-se pouco depois marxista. Examinei-o no concurso de cátedra em meados de 1964. O salão nobre da Faculdade de Filosofia estava repleto. A mãe do candidato compareceu, o que muito o emocionou. Pela sua origem pobre, crescia ainda mais o valor de Florestan, que eu considero o maior teórico nacional da Sociologia. A toda hora ele consultava um grande relógio de bolso, herança de seu pai. Pouco depois do reacionário golpe de 64, constituiu um espetáculo de rara beleza e coragem, com prolongados aplausos ao fim de sua prova didática. Nada lhe aconteceu, nem à Banca, somente em 1969 é que veio a sua aposentadoria compulsória, como a minha também. Solidário com os professores punidos (!), Sérgio Buarque de Holanda, que presidira à Banca, requereu também, voluntariamente, a sua aposentadoria. Só do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais foram aposentados 12 professores, num total de 44, sendo que da UFRJ, o que se deu o maior contingente.

**Luitgarde** - O Maurício, o José Américo,...

**Evaristo** - O Maurício era pesquisador, não foi aposentado em abril de 1969. José Américo, Maria Yeda, Eulália, Marina, Guy de Holanda, Darci e outros mais. Isso foi em abril. Em junho fomos presos - Marina, Yeda, Eulália e eu - quando da visita de Rockefeller, Vice-Presidente dos Estados Unidos, ao Brasil. Foi uma sexta-feira, 13 de junho, dia de Santo Antonio. Ficamos uma semana incomunicáveis, sob a suspeita de que iríamos conclamar os estudantes a vaiar o ilustre visitante, com atitudes agressivas. Tarso Dutra, gaúcho, era Ministro da Educação, com o general Waldemar Turola, como chefe da segurança ministerial. Foi este que nos mandou prender, em combinação com a 2a. seção de 1o. Exército. Quem mais sofreu foi a Marina Vasconcelos, antiga diretora do Instituto de Ciências Sociais. Ficou em prisão comum, na São Judas Tadeu, fichada e fotografada com número identificador. Fiquei num cubículo do Batalhão de Guardas, perto da Quinta da Boa Vista, incomunicável, sem qualquer explicação. Foram presos também na mesma época, ao que me lembro, o Mário Lago e o Ênio Silveira. As prisões se davam, quase sempre, às sextas-feiras, por volta de 7h da manhã, para impedir que você se ausentasse do Rio no fim de semana.

Era um desperdício de aparato de força. Tiraram-me da cama três oficiais do 1o. Exército, em camisa esporte, com mais de 1,80 de altura e mal se identificaram. Na esquina da minha rua,

esperava-nos uma kombi, com chapa fria (amarela, como se fosse carro particular). Deixaram-me somente tomar o café, sem fazer a barba nem tomar banho.

**Luitgarde** - Como o senhor coloca Santiago Dantas e a Nacional de Filosofia para as Ciências Sociais, aqui no Rio de Janeiro?

**Evaristo** - Santiago passou por mais de uma fase ideológica na sua vida. A princípio, integralista, mais tarde colocou-se numa posição de centro-esquerda. Ainda está por se fazer justiça a ele, no que se refere a esta última fase de sua vida. Por certas circunstâncias, encontro-me numa posição privilegiada a este respeito, como explicarei depois.

**Luitgarde** - Eu fui sua aluna, aprendi muito, e me recordo do que o senhor disse a respeito dele, por isso lhe estou cobrando agora.

**Evaristo** - Santiago Dantas era um homem inteligentíssimo. Tendo feito empostação de voz com a professora Ester Leão - a mesma professora de Carlos Lacerda - era capaz de falar horas a fio, sem rouquidão nem mudança de timbre. Não hesitava, não titubeava, e falava como quem estivesse lendo mentalmente um texto escrito. Quando na Faculdade, fundou um grupo de estudos, sob a sigla de C.A.J.U. (Centro Acadêmico Jurídico Universitário), que reuniu grandes inteligências da época, logo depois de 30. Faziam conferências e publicavam uma revista. Todos venceram na vida e ocuparam altos cargos no poder político ou econômico. A princípio, dominaram a Faculdade de Filosofia, da qual Santiago foi Diretor. O mais difícil é vencer contra a corrente, contra mão, como aconteceu com muita gente, inclusive comigo. Fiz a docência de Direito do Trabalho em 1953; a de Sociologia em 1955 e a cátedra de Trabalho em 1957, tudo com muito esforço e luta.

**Luitgarde** - Mas é um crescimento muito mais bonito, não é, mestre?

**Evaristo** - É, mas é muito mais doloroso e cansativo. Eu me lembro como trabalhei, os cursos que fiz, os concursos a que me submeti. Hoje, não sei se teria o mesmo apetite. Para cada defesa de tese, eu me preparava com dezenas de possíveis arguições, como se fora examinador, num esforço exaustivo, como se fora eu o primeiro crítico da minha própria tese. Era severo comigo mesmo. Tudo que estava na tese, mesmo assuntos correlatos ou ocasionais, era esmiuçado por todos os lados. Na verdade, tudo que se encontra na tese, ainda que fora do tema principal, pode ser argüido pelo examinador. Se você fizer alguma referência, *en passant*, a algum ponto de astronomia, de física, de química, etc... fica obrigado a defender o que diz, embora o concurso

não seja dessas matérias. Muito candidato cai exatamente nisso, como um certo catedrático que examinei em 1962 e que falava na tangente que tocava a esfera em dois pontos. A secante é que a corta em mais de um ponto. A tangente, como o próprio nome o indica, a tangência, apenas. Trata-se de matéria de trigonometria...

**Luitgarde** - Voltando a Santiago e à Nacional de Filosofia...

**Evaristo** - Voltando a Santiago... Como observador da vida social, sentiu o momento próprio em que deveria converter-se ao trabalhismo. Desde 1945, no *Diário de Notícias*, havia ele rompido com o integralismo. Mas vai ser quase dez anos depois que ele ingressa no PTB. Leva com ele o realmente saudoso Hermes Lima. Aí, por volta de 1953 ou 54, Santiago comprou o *Jornal do Comércio*, no qual escrevia diariamente um artigo de natureza vária, geralmente político. Levou o Otávio Tirso, de tendência conservadora, senão reacionária, para seu redator-chefe. A crítica literária ficou por conta de Aduardo Portella, competente e muito inteligente. Convidou-nos a todos nós, socialistas, a ingressar no PTB, partido do futuro, da reforma social gradativa, sem abalo violento da sociedade. Não aceitei o convite, apesar de colega de congregação de Santiago, na Faculdade de Direito. É que eu conhecia muito bem o peleguismo do Ministério do Trabalho. Muitos dos funcionários ativistas, do PTB, tinham apelidos pejorativos, pelas falcatruas que faziam. Não convém aqui nomeá-los. Todos, ou quase todos viviam de explorar o imposto sindical, que o próprio Hermes Lima, quando do PSB, havia chamado, na Câmara, de "cancro social". O movimento de 64 o manteve e destinou 20% do seu total para o Departamento de Emprego e Salário. Tudo isso eu dizia em aula. O atual Presidente do Sindicato de Escritores do Município do Rio de Janeiro, a cuja diretoria pertenço, Arthur Poerner, escreveu um romance, há alguns anos, e diz que o único professor da Faculdade de Direito, cuja lembrança nele permanece, ensinava Direito do Trabalho, mas não lhe dá o nome. Era eu...

**Luitgarde** - Como é que Santiago foi para a Nacional de Filosofia?

**Evaristo** - Homem realmente muito inteligente e culto, foi nomeado Diretor da Faculdade. Lá já encontrou alguns ex-integralistas, dentre os quais convém destacar Thiers Martins Moreira, Vieira Pinto (que mais tarde virou marxista). Quando ele foi nomeado Diretor, por lá já haviam passado outros, também simpáticos ao estado Novo, à época.

Mas, voltando ao Hermes Lima, convém recordar que ele ocupou cargos de relevo nos Três Poderes da República: Ministro do Supremo, Ministro do Trabalho e Chefe da Casa Civil, além

de Deputado Federal, anteriormente. Na Velha República, só um outro homem ocupa posições de igual relevo nos Três Poderes: Epitácio Pessoa.

Em 1959, o Instituto de Ciências Sociais, do qual Vitor Nunes Leal era presidente e eu vice, convidou Santiago para fazer uma conferência sobre as causas da baixa produtividade nos países do terceiro mundo. A conferência realizou-se na sala da Congregação da Nacional, à av. Antonio Carlos, tão diminuto era o número de assistentes. Não pôde ser realizada no salão nobre, no 4o. andar. Nessa conferência, muito bem feita, Santiago defende a estabilidade do trabalhador e prega a igualdade do trabalho à propriedade. Dizia que só haveria justiça social quando o trabalho desse ao homem a mesma segurança que a propriedade privada lhe dá. Estou de pleno acordo. A conferência foi por mim presidida, pois o Vitor - Chefe da Casa Civil de Juscelino - não pôde comparecer. A conferência saiu na série de monografias do Instituto, prefaciada por mim. Nós sabemos que o direito real, o direito da propriedade, funciona *erga omnes*, todos devem respeitá-lo, ninguém pode esbulhá-lo nem impedi-lo, a não ser em casos extremos de necessidade ou utilidade pública, e de interesse social relevante, e, assim mesmo, mediante prévia indenização... Afinal, vivemos no mundo capitalista, no qual o trabalho é considerado coisa, passivo na contabilidade da empresa, mera mão-de-obra, e não pessoa, como tal, no mesmo pé de igualdade do empregador ou proprietário.

**Luitgarde** - Como é que o senhor junta o Santiago Dantas, o fim da UDF e o surgimento da Nacional de Filosofia?

**Evaristo** - Não vejo influência direta nessa transformação. Fiz o primeiro vestibular para a Nacional de Filosofia em abril de 1939 e em toda essa transformação não se falava ainda em Santiago. Leitão da Cunha, Reitor, dirigiu-a provisoriamente, sendo sucedido por Alceu Amoroso Lima. A verdade é que ele mudou de orientação política, como aconteceu com Vieira Pinto, com Corbisier, que foram mais para a esquerda. Só os burros não mudam, diz Rui Barbosa, citando um poeta do século XVII, se não me engano. O professor Florestan Fernandes, de minha inteira admiração, caminhou, como já disse, do funcionalismo estruturalista, para o marxismo-leninismo. Hoje está no PT e, na coleção que dirige sobre Cientistas Sociais, escolheu Lênin como o seu tema. Aliás, um belo livro. Na mesma coleção, Florestan me deu a honra de escrever sobre Augusto Comte e Georg Simmel. Aquele já se encontra na 3a. edição. Este, coitado, encontra-se ainda na 1a. Comte, muito mais antigo, faleceu em 1857, enquanto Simmel veio a

falecer em 1918. Seus temas são mais profundos, atuais e de difícil compreensão. É um ensaísta brilhante. Mexia com Sociologia, Filosofia, Arte, o diabo.

**Hiro** - Há um livro do Schopenhauer, de autoria de Simmel, que eu vim a conhecê-lo através da biografia de Simmel feita pelo professor Evaristo.

**Evaristo** - É um belo livro, porque Simmel foi um grande escritor.

**Hiro** - É realmente brilhante!

**Evaristo** - Estou de acordo, é realmente brilhante. Talvez você tenha lido na tradução espanhola, não?

**Hiro** - Não. Eu o li numa tradução inglesa.

**Evaristo** - Coube também aos ingleses traduzir um dos seus livros mais importantes, *A Filosofia do Dinheiro*, publicado por Simmel em 1900. É uma das suas obras fundamentais, infelizmente pouco conhecida entre nós. Está saindo agora também em espanhol. Por coincidência possuo as três edições. Leio alemão, traduzi textos de Simmel, mas o alemão é uma língua muito difícil e complexa. Nada impede que você se sirva também de outros textos em línguas mais acessíveis, como o francês, o italiano ou o espanhol. Afinal, há pessoas que sabem mais alemão do que a gente... Por isso mesmo muitas delas são denominadas germanistas. São especialistas da língua.

**Luitgarde** - Está surgindo aí uma idéia de que o Rio de Janeiro não fez Ciências Sociais... Eu acho que o Rio fez Ciências Sociais...

**Evaristo** - Alguns paulistas é que dizem isso... Com o fechamento do Instituto de Ciências Sociais, em 1968/69, desapareceu, no Rio, a principal instituição dedicada exclusivamente à pesquisa social, reunindo, como estagiários e pesquisadores, os estudantes das Faculdades de Filosofia, de Economia, de Direito e do Museu Nacional. Foi uma pena... Ainda há poucos anos, examinei o professor Gabriel Cohn para titular de Sociologia da Faculdade de Filosofia da USP. A Banca era presidida pela professora Aparecida Joly Gouveia. O assunto andou no ar, com esse sentido de menosprezo das Ciências Sociais no Rio. Aliás, é bom lembrar, quando fui presidente do Instituto, por volta de 60/62, sondei a professora Joly Gouveia para Diretor de Programas (cargo de orientador dos pesquisadores), mas ela não pôde aceitar. Durante o concurso, falou-se também na decadência da própria Sociologia, em proveito da Ciência Política. Havia um certo pessimismo generalizado.

Com o movimento de 64, muitos professores de Sociologia ou de Ciências Sociais em geral permaneceram em São Paulo, e embora fora da Universidade, fundaram institutos e centros a elas dedicadas, como o CEBRAP, e continuaram a fazer Ciências Sociais. No Rio, deu-se o contrário. Cassados como lá os cientistas sociais, viram ainda alguns saírem do país como Alberto Guerreira Ramos, de inegável valor (qualquer que tenha sido sua diretriz teórica; e Luis de Aguiar Costa Pinto, que, casado com uma socióloga, foi trabalhar na ONU em 1965 e nunca mais voltou do país. O Instituto de Ciências Sociais foi praticamente fechado em 67/68, transformando-se no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, de ensino e não de pesquisa. O Centro Latino-Americano em Ciências Sociais, do qual foram diretores Costa Pinto e Manuel Diegues Júnior, organismo da UNESCO, fechou as suas portas. Na PUC, afastaram-se os padres Ozanam e Ávila, para mim a melhor cabeça do movimento social da Igreja.

Realizara-se no Rio, na década de 50, o 3o. Congresso Latino-Americano de Ciências Sociais.

**Luitgarde** - Grande foi a produção sociológica de Costa Pinto, àquele tempo, com livros de grande penetração nos meios universitários, como: *Sociologia do Desenvolvimento, As Lutas das Famílias no Brasil*.

**Evaristo** - Este último saiu na Brasiliana em 1949, o primeiro é posterior. Levou a efeito também uma pesquisa sobre as questões raciais no Rio de Janeiro a instâncias da UNESCO, o que gerou uma forte polêmica como Guerreiro Ramos - torno a repetir - autor de livros grandemente instigantes, além de haver participado do ISEB, no qual ensinou também o sociólogo mineiro Júlio Barbosa.

**Luitgarde** - O Rio de Janeiro fez ciências sociais, como é que o senhor conta isso?

**Evaristo** - Sem dúvida, o Rio de Janeiro fez ciências sociais. Por volta de 1935, Vicente Reis publicou, pela Ariel Editora, um interessante volume sobre introdução à Sociologia, filiando-se à escola de Durkheim. Escreveu grandes ensaios, no *Boletim de Ariel* de análise crítica à *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, publicado no Rio em 1933 (Schmidt, editor). Os círculos católicos desenvolviam estudos sociológicos, com Alceu Amoroso Lima à frente. Faziam pesquisa social e Alceu editou, logo depois de 30, dois livros de Sociologia. Não devemos esquecer do nome de Arthur Ramos, professor de Psicologia Social na UDF, cujo livro, editado com este título, saiu em 1936 pela José Olympio. A sua produção sobre o problema do negro foi

imensa. Mais tarde, fez-se catedrático de Antropologia na Nacional de Filosofia, substituído, depois de sua morte prematura em Paris (1949), por Marina São Paulo de Vasconcelos.

Não devem ser esquecidos ainda os nomes de Manuel Diégues Junior, de Darcy Ribeiro, de Tomás Pompeu Acioly Borges, de Delgado de Carvalho, de Josué de Castro, grande talento e grande expositor. Diégues sucedera a Costa Pinto no Centro Latino-Americano.

Sempre houve uma certa emulação entre São Paulo e Rio. Se lá se realizou o 1o. Congresso Brasileiro de Sociologia (1954), realizara-se aqui, como disse o 3o. Latino-Americano de Sociologia.

**Luitgarde** - Quem organizou este último?

**Evaristo** - Além da contribuição de sociólogos sul americanos (da Argentina, Uruguai, Venezuela, etc...), o principal organizador foi Guerreiro Ramos, de Grande valor, apesar dos seus titubeios ideológicos. Mas era uma cabeça bem organizada, que procurava sempre inovar.

**Hiro** - Por que, dividindo as tarefas da Ciência, etc, etc..., não ficavam os cientistas sociais como verdadeiros profissionais, e não meramente como simples intelectuais?

**Evaristo** - A década de 50 foi decisiva para esta transformação. Quando visitei a Faculdade de Filosofia, da USP, lá encontrei o professor Florestan de avental ou jaleco branco, em meio à grande biblioteca especializada, com seus alunos fazendo pesquisas e estudos. Disse-me ele, sorrindo; "Não pense que estão trabalhando para mim, não. Pesquisam para eles próprios, realizam tarefas que lhes dizem respeito". Já havia o regime, na USP, de tempo integral, praticamente de dedicação exclusiva. Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni eram as duas grandes estrelas do grupo de Florestan. Mais tarde, fizeram-se também grandes autores e grandes professores. Enquanto isso, na nossa Faculdade de Filosofia, o próprio professor de Sociologia não era um profissional, por assim dizer, apesar de homem muito bom e amigo dos alunos, Hildebrando Leal. Católico, chefe de numerosa família, dirigiu o *Correio da Noite*, jornal da Cúria metropolitana. A Faculdade era, então, dirigida por Santiago, na sua fase pré-trabalhista.

É bem verdade que, no campo da Filosofia, lá se encontrava o grande mestre Padre Maurílio Teixeira Leite Penido, de quem fui Auxiliar de Ensino (1954), que inaugurou a Faculdade em 1939 e tomou parte na banca examinadora do vestibular. Há pouco, fiz uma conferência sobre ele, sua cultura e seu método de ensino. Era, de fato, um grande pensador, sem sectarismo nem radicalismo de espécie alguma. O assistente do Padre Penido era Celso Lemos, católico, mais

tarde sucedido por Eduardo Prado de Mendonça, também católico. Ensinava Ética o professor polonês, que aqui chegou com a Guerra, Jerzey Sbrozeck, tomista radical.

**Luitgarde** - Mas e aquele grande católico, Costa Ribeiro, que dizer dele?

**Evaristo** - Era um grande professor e homem de bem. Ensinava Física Teórica, e sempre foi respeitado e tido como grande autoridade na matéria. Vai ser substituído por um ex-aluno seu (estou quase certo), José Leite Lopes, notoriamente de esquerda e voltado também para a Física Experimental, e não unicamente teórica.

**Luitgarde** - Costa Ribeiro não era integralista?

**Evaristo** - Suponho que não. Não fazia proselitismo, e nunca ouvi acusações contra ele nesse sentido.

**Luitgarde** - Grande católico e grande físico?

**Evaristo** - Na Faculdade, pelo menos, revelou-se grande professor de Física, sem misturar ciência com religião.

**Hiro** - E o Instituto de Ciências Sociais?

**Evaristo** - Este foi a menina dos seus olhos, foi a mais profunda e agradável experiência didática pela qual passei na Universidade.

O seu surgimento, ou melhor, a sua aprovação pelo Conselho Universitário foi difícil e demorou muito. Nasceu de um projeto de Temístocles Brandão Cavalcanti, datado de 1951. Era o primeiro Instituto que não se prendia à catedra, como acontecia com os anteriores, de Psiquiatria, de Neurologia, de Nutrição, e assim por diante. Foi a primeira tentativa de um Instituto multidisciplinar. Era dirigido por um Conselho Diretor, constituído de 7 membros: dois da Faculdade de Filosofia, dois da de Economia, dois da de Direito e um do Museu Nacional. Só foi aprovado em 1958 e inaugurado a 26 de dezembro de 1958, no gabinete do próprio Reitor Pedro Calmon. Os dois representantes da Faculdade de Filosofia foram o Vítor e o Darci; da Econômica, Temístocles e Costa Pinto; de Direito, eu e Lineu de Albuquerque Melo; do Museu, Luis de Castro Faria. Dos sete, um era eleito Presidente do Conselho pelo mandato de um ano, e, por via de consequência, Presidente do próprio Instituto. Era proibida a reeleição do Presidente.

**Luitgarde** - Quem foi o primeiro Presidente?

**Evaristo** - Vitor Nunes Leal, para o ano de 1959. Mas ocupado com a Chefia da Casa Civil de Juscelino, o mandato foi desempenhado por mim, Vice-Presidente. No ano seguinte, 1960, exerci, por eleição, o cargo de Presidente. Em 1961, foi o professor Lineu.

**Luitgarde** - O Souza Martins foi pesquisador do Instituto?

**Evaristo** - Que eu me lembre, não, mas editamos a sua monografia sobre o *Conde Francisco Matarazzo*, dentro de uma série de monografias que o Instituto editou. O prefácio, igual de todas elas, é de minha autoria. Mais tarde, Souza Martins publicou o livro em editora particular e fez sua carreira universitária em São Paulo. Muitos outros iniciantes tiveram seus ensaios editados pelo Instituto.

**Luitgarde** - Porque ouvi o senhor publicando o livro dele e agradecendo a...

**Evaristo** - Eu agradecia, no fim do prefácio, ao professor Raimundo Moniz de Aragão, que, como Diretor da Diretoria de Ensino Superior, do MEC, forneceu os meios necessários para a publicação das monografias.

**Hiro** - Vanderlei Guilherme dos Santos, que era do ISEB...

**Evaristo** - Apesar do seu inquestionável valor, não pertenceu aos quadros do Instituto.

**Hiro** - Ele disse que o senhor era a pesquisa em Ciências Sociais no Rio de Janeiro.

**Evaristo** - Bondade dele, exagerada. Na verdade, com equipes próprias, Diretor de Programas, o Instituto era o único que se dedicava exclusivamente à pesquisa social no Rio de Janeiro. O primeiro Diretor foi Tomás Pompeu Acioli Borges, há pouco falecido. Saiu do Instituto para a FAO, no México. Era economista e estatístico, com grande experiência nessas áreas. O segundo Diretor foi Manuel Diégues Junior, autor de numerosos livros de Ciências Sociais, notadamente de Antropologia e de História. Homem de bem, muito competente, foi mais tarde dirigir, como já disse, o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais.

**Hiro** - O que o Estado promovia no curso de Ciências Sociais? Quem era?

**Evaristo** - Aí é que está...

**Luitgarde** - O Evaristo, esse era o pai da empolgação!

**Evaristo** - Mas, voltando ao Instituto. Como disse os sete representantes das unidades universitárias elegiam o Presidente. Funcionava o Conselho como uma espécie de regime parlamentar, e não presidencial ou ditatorial. Ao lado do Diretor de Programas, o Instituto

contratou uma professora de Estatística, Werneck, para a elaboração dos modelos de pesquisa e auxílio matemático aos pesquisadores.

**Luitgarde** - Vera Werneck.

**Evaristo** - A Vera, muito delicada, tinha que estar sempre presente nas pesquisas, pois nenhum de nós sabia tanto Estatística quanto ela. É notória a ojeriza que os cientistas sociais têm pela Estatística matemática, propriamente dita. Funcionavam, como disse, várias equipes de pesquisa sobre diversos temas: a produtividade no Rio de Janeiro (Joaquim Costa Pinto Neto e, mais tarde, Ivan Gonçalves de Freitas); os grandes grupos econômicos (Maurício Vinhas de Queirós); desenvolvimento econômico e burguesia (Luciano Martins). Iniciava-se uma sobre a influência militar no Brasil, sob a direção de Gilberto Velho, quando o Instituto desapareceu, mas não por esse motivo, e sim pelo próprio desmembramento da Faculdade de Filosofia, passando ele a chamar-se Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, abrangendo o Departamento de Filosofia, de Ciências Sociais e de História, vindo a funcionar nos fundos do próprio Instituto (primitivo) num verdadeiro galpão, feito às pressas. Estávamos em 1967/68.

**Luitgarde** - E a *Revista de Ciências Sociais*?

**Evaristo** - Saíram quatro números da Revista. Foram publicadas também sete monografias. O ICS era o único Instituto Universitário, no Rio, que criou uma biblioteca especializada em Ciências Sociais, encomendou numerosos livros no estrangeiro, aproveitando-se de uma viagem de Luciano Martins à Europa e aos Estados Unidos, em princípios da década de 60. Quando da incorporação do ICS a IFCS não sei que fim levou, mormente que no segundo ainda se encontrava o nosso maior inimigo, Eremildo Luiz Viana, o mau caráter nacional. Só de uma vez, consegui 2 milhões de cruzeiros para livros. Por 4 milhões adquirimos a coleção completa da Brasileira, comparada no sebo de Walter Cunha. Publicava o Instituto um *Boletim mensal em Ciências Sociais*, dando notícias das atualidades e das atividades nessas disciplinas. Publicava também um *Boletim bibliográfico*, com resumo do que era publicado no mundo e no Brasil sobre Ciências Sociais, em livros e revistas. Este serviço pertencia ao pessoal da Biblioteca, muito competente. Com o desmembramento da Faculdade de Filosofia - ação mais política do regime militar do que didática: dividir para reinar - desapareceu o Instituto, com as suas finalidades especiais. Em 1967 acabou-se o ICS e no ano seguinte começou o IFCS, já depurado do que o regime considerava como maus elementos. O Diretor da transição foi o professor Djacir

Menezes, pouco mais tarde, ainda em 68, substituído por Marina de Vasconcelos. Dois dos pesquisadores do Instituto foram assassinados pelo regime: Lincoln Roque, em Botafogo, e Kleber, dizem que em Araguaia. Ambos eram tidos como maoistas, estudiosos, calmos, altamente produtivos, queridos por todos. São dois colaboradores e amigos que não esqueço, mormente pela forma pela qual morreram. Dois grandes idealistas. E jovens. É bem verdade que os alunos - já agora do IFCS - estavam empolgados pelo maoísmo. Havia alunos que não aceitavam aulas teóricas ou técnicas de Sociologia do Trabalho, por exemplo: só queriam temas políticos, ideológicos. Alguns chegavam a um certo radicalismo sectarista. Mas é compreensível.

**Luitgarde** - Fui sua aluna em Sociologia Industrial.

**Evaristo** - Afinal de contas, em termos acadêmicos, o professor tinha que proferir aulas sobre as matérias do currículo: estratificação, diferenciação, mobilidade, relações humanas na indústria (apesar de muito manipuladas, em seu proveito, pelo capitalismo. Eu mesmo publiquei um artigo na *Revista do ICS* sobre esse assunto, no qual entre muito de ideológico.

**Hiro** - O que valeu a experiência do Instituto de Ciências Sociais, em termos de pesquisas, no Brasil?

**Evaristo** - Além de tudo já dito, o Instituto realizava também simpósios e seminários, conferências, sobre Ciências Sociais, pagando a viagem e a estadia dos convidados dos outros Estados. Aqui estiveram, entre outros, Florestam Fernandes, de São Paulo, Belém Morse e Júlio Barbosa, de Belo Horizonte. O Instituto dispunha de um único automóvel, uma Rural Willys, posta à disposição dos pesquisadores para se locomoverem em seus trabalhos de preenchimento de questionários, principalmente junto aos trabalhadores nas fábricas. Luciano Martins fez um estágio, com Fernando Henrique, na FLACSO, em Santiago do Chile. Luciano publicou a sua pesquisa, em livro, aqui no Brasil sobre o desenvolvimento econômico e a formação da burguesia nacional. Em fins de 66 ou 67 partiu para Paris, onde concluiu o seu Doutorado Estado, de quatro anos, publicando *Politique et développement Structures de pouvoir et système de décision au Brésil, 1930/1964*, Paris, 1973. Maurício Vinhas de Queirós defendeu sua tese de doutorado em São Paulo com tese sobre a sua pesquisa dos grupos econômicos. Maria Stella Amorim, hoje livre-docente e professora da Sociologia no IFCS, foi também pesquisadora no Instituto e representante dos pesquisadores no Conselho Diretor.

Cumprido o seu mandato, Luiz de Castro Faria foi substituído na representação do Museu Nacional no Conselho Diretor do Instituto por Roberto Cardoso de Oliveira, cuja carreira de cientista social, na área de Antropologia, dispensa qualquer informação neste momento. Tanto Castro quanto Roberto foram, por rodízio, Presidentes do Instituto. Como o foram também Temístocles Brandão Cavalcanti, seu criador. No último mandato, era eu Presidente do Instituto, encerradas suas atividades em 1967, surgindo então o IFCS.

**Luitgarde** - E o ISEB colaborou com isso?

**Evaristo** - Não, de forma alguma. Os propósitos de ambos eram diferentes. Não se hostilizaram nem colaboraram entre si. Foi criado em 1955, quando Cândido Mota Filho era Ministro da Educação.

**Luitgarde** - E o Instituto de Ciências Sociais?

**Evaristo** - Foi criado pela Resolução no. 13/58, do Conselho Universitário da UFRJ e instalado, como já disse, em 26 de dezembro de 1958. O ISEB foi criado com o propósito de ser o Instituto de Estudos Superiores, à maneira da França. Vários dos seus fundadores seguiam ideologias diferentes, numa composição surpreendente. Escreve a respeito Nelson Werneck Sodré, A verdade sobre o ISEB, Rio, 1978, pp. 12/13: "Pela consulta às conferências reunidas no referido volume (*Introdução aos Problemas Brasileiros*, 1956), era fácil verificar a profunda diferença que cada um dos conferencistas estabelecia, em relação aos demais, quanto ao próprio tema central. O fato é aqui mencionado apenas com a intenção de frisar a heterogeneidade inicial do ISEB"... "Não resultava de mera coincidência essa heterogeneidade inicial. A heterogeneidade marcava a própria origem do ISEB, viscerava a sua criação. E a estrutura do ISEB refletiria tal heterogeneidade; era pretensiosa, agigantada, supérflua e superada desde a origem". Basta dizer que de sua fundação e trabalhos iniciais faziam parte: Cândido Mendes, Hélio Jaguaribe, Vieira Pinto, Roland Corbisier, Guerreiro, Werneck Sodré, Temístocles Cavalcanti, Roberto Campos e muitos outros mais.

**Luitgarde** - Tinha também o Latorre.

**Evaristo** - Latorre Faria era um intelectual de esquerda, professor da Faculdade de Educação Física, da UFRJ, honesto, forte em suas idéias, entusiasta do novo organismo, no qual permaneceu até o fim, sendo, afinal, incluído no célebre inquérito sobre o Instituto de 1964. Com o tempo, o seu propósito de criar uma ideologia do desenvolvimento, para dar cobertura à

política de Juscelino, foi-se transformando numa única ideologia: a marxista, dele se afastando muitos dos seus fundadores, inclusive Guerreiro Ramos, que se elegeu Deputado Federal pelo PTB. Destacou-se de logo como aluno dos mais brilhantes Wanderley Guilherme dos Santos, muito chegado ao Vieira Pinto, de quem, à época, sofreu grande influência. Mais tarde, ganhou caminho próprio e hoje é um Cientista Político do melhor conceito. É bem verdade que, nesse intervalo, esteve nos Estados Unidos, especializando-se na disciplina. Colaborou no *Jornal do Brasil* e aproximou-se de Cândido Mendes. Se não me engano, é atualmente um dos mais eminentes professores do IUPERJ, da Cândido Mendes.

O ICS dedicava-se somente à pesquisa social, sem indagar da ideologia de cada um. Não havia uma só mentalidade mítica ou mágica, nem uma só ideologia dominante. Ia-me esquecendo de mencionar duas pesquisadoras que vieram do setor de Educação, trazidas por Darci Ribeiro. Quero me referir às antropólogas Maria Luíza e Alzira de Abreu, hoje no CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas. Alzira também fez cursos, posteriormente, em Paris.

**Luitgarde** - Ainda havia a Leila, tinha a Leila Stein, além de alguns outros auxiliares, como a Cristina e uma outra que agora se encontra muito bem colocada no Planejamento.

**Evaristo** - Proposta por Josué de Castro, fazia parte também das equipes Nilza Martinez Pitta, que levou a cabo uma pesquisa sobre a composição da Assembléia Constituinte da Guanabara, e uma outra, sobre Araxá ou Poços de Caldas, não me lembro bem.

**Luitgarde** - Nilza Pitta? Mas ainda tem uma...

**Evaristo** - Quem propôs ao Conselho do Instituto a pesquisa sobre a composição da Assembléia Legislativa foi o professor Temístocles Brandão Cavalcanti, constituinte à época e que foi o relator da Constituição do Estado da Guanabara. Coube-lhe, apesar de pertencer aos quadros da UDN, a prioridade de haver proposto, num texto constitucional, a co-gestão dos empregados na direção das empresas. Foi dele também o mérito, como disse, de criar o primeiro Instituto multidisciplinar, libertando os institutos universitários das respectivas cátedras, como vinha acontecendo até então. Esta questão de estudo interdisciplinar ou multidisciplinar é muito curiosa. Dificilmente se consegue harmonia entre oficiais de ofícios diferentes: sociólogos, antropólogos, juristas, economistas, etc... De certa feita, obtive sobre isso uma resposta bem inteligente de Rui Coelho, professor da USP, que foi Diretor da Faculdade de Filosofia.

**Luitgarde** - Rui Coelho!

**Evaristo** - Fiz parte da banca que o examinou, na docência, em 1961. Ele pertencia à Cadeira 2 de Sociologia, da qual era titular Fernando de Azevedo. Sua tese foi sobre o indivíduo da filosofia de Augusto Comte.

**Hiro** - Fernando de Azevedo não era reacionário?

**Evaristo** - Não, muito pelo contrário, era social-democrata, socializante e a favor da educação leiga, como demonstrou desde o Manifesto da Escola Nova, de 1932. Ainda agora, há pouco, foi publicado um livro sobre ele, de autoria de Maria Luiza, casada com o atual Embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira. Ela faz uma exaustiva exposição das idéias e da formação do pensamento de Fernando de Azevedo, reservando um segundo volume para sua correspondência. Lutou sempre pela escola pública e pelo ensino leigo, mantendo polêmica com os partidários do ensino religioso nas escolas, e isso desde o início da década de 30, quando o assunto esteve mais ardentemente na ordem do dia.

Antes que me esqueça. Referindo-me eu aos estudos multidisciplinares, da sua necessidade nas instituições e nas universidades, quando argüía Rui Coelho, respondeu-me ele, muito sagazmente: "Essa interdisciplinaridade só funciona bem quando dentro da mesma cabeça". E, infelizmente, cada vez me convenço que isso é verdadeiro. Quando alguém é capaz de abranger os ensinamentos e os métodos de diversas áreas de estudo, torna-se possível para ele essa prática de estudos interdisciplinares. Quando as cabeças são diferentes, tudo se torna mais difícil, puxando cada um a sardinha para a sua brasa. Basta lembrar a ojeriza quase permanente entre as ciências do ser (Sein) e as do dever ser (Sollen), entre a Sociologia e o Direito, por exemplo...

**Luitgarde** - Voltando a Temístocles Brandão Cavalcanti...

**Evaristo** - Como já disse, coube-lhe o projeto de criação do Instituto, separado das cátedras, e levando essa concepção de estudos interdisciplinares. Ele pertencia aos quadros dirigentes da UNESCO, daí a sua formação nessa orientação. É do conhecimento de todos nós um certo mal-estar que existe entre os antropólogos e sociólogos. Aqueles deixaram de se preocupar somente com os estudos dos primitivos, voltando-se, como os sociólogos, para a sociedade contemporânea. No ICS, por exemplo, era muito do gosto do Costa Pinto avivar essa competição. Nos Textos de Sociologia, do ICS, escreveu Costa Pinto um ensaio: *Sociologia, antropologia e as sociedades em mudança*. Incluiu ainda nos mesmos Textos um estudo de Robert Bierstedt sobre *As limitações dos métodos antropológicos em sociologia*. Hoje, tudo isso

já é história, e vemos o nosso querido Gilberto Velho elaborar grandes pesquisas sobre os problemas urbanos do Rio de Janeiro.

**Luitgarde** - No caso da resposta do professor Rui Coelho, trata-se então de um erudito e não de um professor. Não lhe parece?

**Evaristo** - Não. Nada impede que o professor seja um erudito ou que um erudito seja professor. Uma mesma pessoa pode fazer mais de um curso superior ou dedicar-se a mais de um campo de estudos, para não chegar àquele caso extremo do especialista, que sabe cada vez mais de cada vez menos... Eu próprio, para dar meu exemplo - sempre antipático, segundo Pascal... - fiz os cursos de Direito e de Filosofia. Nesses cursos tive oportunidade de estudar, não só filosofia propriamente dita, como: Psicologia, Lógica, Estética, Ética, Economia, Sociologia, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Biologia Educacional, Didática Geral e Especial. O universo de interesses foi bem amplo.

**Luitgarde** - E fez uma tese de Sociologia para livre-docência, não?

**Evaristo** - É verdade. Defendi-a em dezembro de 1955. Eu já era docente-livre de Direito do Trabalho e Licenciado em Filosofia. Havia a disciplina Sociologia no currículo de Filosofia e foi reconhecida, em muitos pontos, a afinidade ou correlação entre Direito do Trabalho e Sociologia. O Conselho Diretor do Instituto procurou ser a manifestação concreta, institucional, dessa multidisciplinaridade.

**Luitgarde** - Tal atitude já dizia respeito a crítica à cátedra?

**Evaristo** - Não propriamente, mas ao critério até então existente, dos Institutos ancilares das Cátedras, como sua própria continuidade, como seu domínio exclusivo. Daí a demora de sete anos para aprovação do projeto do Prof. Temístocles, de 1951 a 1958, como dito e repetido.

**Luitgarde** - E o grupo que se reuniu àquele tempo?

**Evaristo** - Já deixei isso dito momentos atrás. Cada professor era eleito pela congregação da respectiva unidade universitária. Dispunha o parágrafo 1o., do artigo 6o., do Regulamento do ICS: "O mandato do representante do Museu Nacional é de 2 (dois) anos; dos demais representantes serão de dois e de quatro anos, renovando-se bianualmente metade de cada uma das representações". O caput do artigo 6o. permitia a reeleição.

O Instituto teve várias sedes. A princípio, reunia-se na sala da Congregação da Faculdade de Filosofia, apesar de seu Diretor chamar-se Eremildo Luiz Viana... Depois, funcionou no prédio

do IBGE, na avenida Franklin Roosevelt; mais tarde, na avenida Almirante Barrosoe, finalmente, de 61 até 68, na antiga sede da Faculdade de Ciências Econômicas, à rua Marquês de Olinda, 64. A Faculdade mudara-se para o prédio central da Reitoria, na Praia Vermelha.

**Luitgarde** - A professora Marina chegou a ser do Instituto?

**Evaristo** - Sim, chegou, representando a Faculdade de Filosofia. Ela foi a primeira Diretora do IFCS, quando do encerramento das atividades do Instituto em 67/68. Foi o período mais tumultuado da vida do Instituto, atacado pelos reacionários. O DOPS, mais uma vez, lá esteve em visita de surpresa. Um movimento que se auto-denominava "Mão Branca", colocou uma bomba junto à árvore de pau-ferro que ficava (e ainda existe) à frente do Instituto. "*O Globo*" chamava o Instituto de "A Nanterre de Botafogo" e chegou a falar em terrorismo cultural por ele exercido. Foram tempos duros e árduos de luta contra a reação, que acabou vencendo, como se sabe, com a aposentadoria compulsória, de uma só vez (em abril de 1969) de doze de seus professores. A Marina representou um papel muito importante na defesa do Instituto e dos seus alunos. Era uma mulher digna, leal e muito compreensiva, sem chegar à permissividade. Não fazia o jogo dos reacionários, daí os ataques contra o Instituto.

**Luitgarde** - Como o senhor coloca Dona Marina como contribuição nas Ciências Sociais?

**Evaristo** - Quando Artur Ramos morreu, de repente, em Paris, aos 46 anos de idade, Marina o substituiu, pois era sua Assistente. Mais tarde, fez a docência-livre e ficou como catedrática interina, de Antropologia. A responsabilidade dela era muito grande, dado o renome de sábio de Artur Ramos, já com vários anos de professorado e com muitos livros publicados. Marina soube conquistar a confiança dos alunos, fez-se cercar de colaboradores dedicados e saiu-se muito bem na sua missão didática e humana. A sua tese foi sobre *O trabalho da renda no Ceará...*

(falta uma parte da entrevista)

... vezes perdeu na Congregação e no Conselho Universitários, por unanimidade, Entrou numa das Varas Federais com mandato de segurança contra o ato do Reitor - por sinal, seu amigo - e perdeu também por duas vezes, com advogados diferentes. Recorreu para o Tribunal Federal de Recursos e tornou a perder. Aí apelou para as medidas de Segurança, vigentes à época, 1969, obtendo êxito: fui preso em junho e aposentado compulsoriamente em setembro de 1969.

Quando veio a anistia, todos os professores receberam carta do Reitor da UFRJ, Renato Caldas, convidando-os a voltar, dispensando-os assim de requerimento, o que seria vergonhoso e humilhante. Escrevi-lhe uma carta, dizendo que não compactuava com a paranóia oficial: não fiz nada, fui preso; não fiz nada, fui aposentado; não fiz nada, fui anistiado. Fui o único titular, no Rio, que não aceitou o convite de volta. A professora Elisa Frota Pessoa, adjunta de Física, também não quis voltar, não aceitou a suposta anistia.

#### PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES DO ICS

Universidade do Brasil, Instituto de Ciências Sociais. Organização, Rio, 1960. Contém a Resolução no. 13/58, do Conselho Universitário e a bibliografia de seus fundadores, nesta ordem: Evaristo de Moraes Filho, Lineu Pessoa de Albuquerque Melo, Temístocles Brandão Cavalcanti, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Jorge Kingston, Vitor Nunes Leal, Darci Ribeiro, Luiz de Castro Faria, 60pp., Prefácio de Evaristo de Moraes Filho;

Universidade do Brasil, Instituto de Ciências Sociais, Normas para concessão de bolsas, Rio, 1961, 14pp.;

Universidade do Brasil, Instituto de Ciências Sociais, Fins e atividades. Aims, purposes and activities. Bûts et activités, Rio, 1960, edição trilingue, 26pp.;

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Brasil, Mensário Informativo, 4 números, set./dez., 1961. O Mensário dava informações sobre todas as atividades do Instituto, suas pesquisas, convênio, etc.

Boletim Bibliográfico da Biblioteca de Ciências Sociais, 3 vols., 1960, 1961 e 1962, com índices respectivos;

Cadernos de Ciências Sociais: no. 1, Produtividade - aspecto tecnológico, Ernesto Luis Oliveira Júnior, 1960; no. 2, Produtividade - aspecto organizacional, Cesar Catanhede, 1960; no. 3, Produtividade - aspecto educacional, Joaquim Faria Góis Filho, 1960; no. 4, Produtividade -

aspecto econômico, Antonio Dias Leite, 1962; no. 5, Produtividade - aspecto médico-social, Raimundo Moniz de Aragão, 1962; no. 6 Produtividade - aspecto institucional, Francisco Clementino San Tiago Dantas, 1962; no. 7, Produtividade - aspecto patronal, Jaci Montenegro Magalhães, 1962; no. 8, Produtividade - aspecto psico-social, Milton Campos, 1962. Cada monografia continua, em média, 50pp.;

Textos de Etnologia, Rio, 1961. Sumário: 1. "O desenvolvimento da Antropologia Social", por A.R. Radcliffe-Brown, p.1; 2. "O conceito de cultura", por Bernhard J. Stern, p.40; 4. "Evolucionismo e antievolucionismo na teoria etnológica americana", por Leslie A. White, p.48; 5. "O estudo dos sistemas de parentesco", por Eduardo Galvão, p.76; 6. "Aculturação", por Siegel e outros, p. 86; 7. "Um conceito sobre integração social", por Darci Ribeiro, p.112;

Textos de Sociologia. Problemas da abordagem interdisciplinar. Rio, 1963. Sumário: 1. L.A. Costa Pinto, "Sociologia, Antropologia e as sociedades em mudança", p.9; 2. Seymour e Reinhard Bendix, "Status social e estrutura social: um exame dos dados e interpretações", p.16; 3. Robert Bierstadt, "As limitações dos métodos antropológicos em Sociologia", p.46; 4. C. Wright Mills, "Sociologia e História", p.64; 5. G.D.H. Cole, "Sociologia e Política", p.64; 6. Levin L. Schucking, "Sociologia, Arte e Literatura", p.71; 7. Kenneth Boulding, "A Contribuição da Economia às outras disciplinas", p.79; 8. E.A. Abab Ogly, "Sociologia e Cibernética", p.89;

Tomás Pompeu Acioli Borges, Bibliografia sobre Reforma Agrária, Rio, 1961;

Resenha de Periódicos, com 4 números por ano, a partir de 1963 até desaparecer em 1967;

Quatro monografias, nesta ordem: L. de A. Costa Pinto, Desenvolvimento econômico e transição social, 1967; José de Souza Martins, Empresário e empresa na biografia do Conde Matarazzo, 1967; Júlio Cesar Meletti, Índios e criadores: a situação dos kraho na área pastoril do Tocantins, 1967; Ivan Gonçalves de Freitas, Mão-de-obra industrial na Guanabara, 1967;

Co-edições - Em co-edição com a Embaixada Americana, mas com as obras escolhidas e selecionadas pelo Instituto, fez traduzir e publicar: Kingsley Davis, A sociedade humana, Editora Fundo de Cultura, 1964; Cl. Kluchhohn e Henry A. Murray, com a colaboração de David M. Schneider, Personalidade na natureza e na sociedade, Editora Itatiaia Ltda., 1965; Campbell R. McConnell, Elementos de Economia. Princípios, problemas e políticas, Companhia Editora Nacional, 1964, todas em dois grossos volumes e com Apresentação de Evaristo de Moraes Filho;

Revista do Instituto de Ciências Sociais, um número por ano: 1964, 65, 66 e 67, dividida em três partes: Estudos, Documentação e Noticiário.

Melhor do que descrever as características da Revista, será apresentar nesta altura do meu depoimento cópia xerox do Sumário de cada uma, com o meu artigo de apresentação (1964) e o relatório no último número dos trabalhos do Instituto, com a sua extinção (mais política do que didática), por força do Decreto no. 60.455-A, de 13 de março de 1937. Penso ter correspondido ao interesse, muito honroso, do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP.

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1990.

Evaristo de Moraes Filho